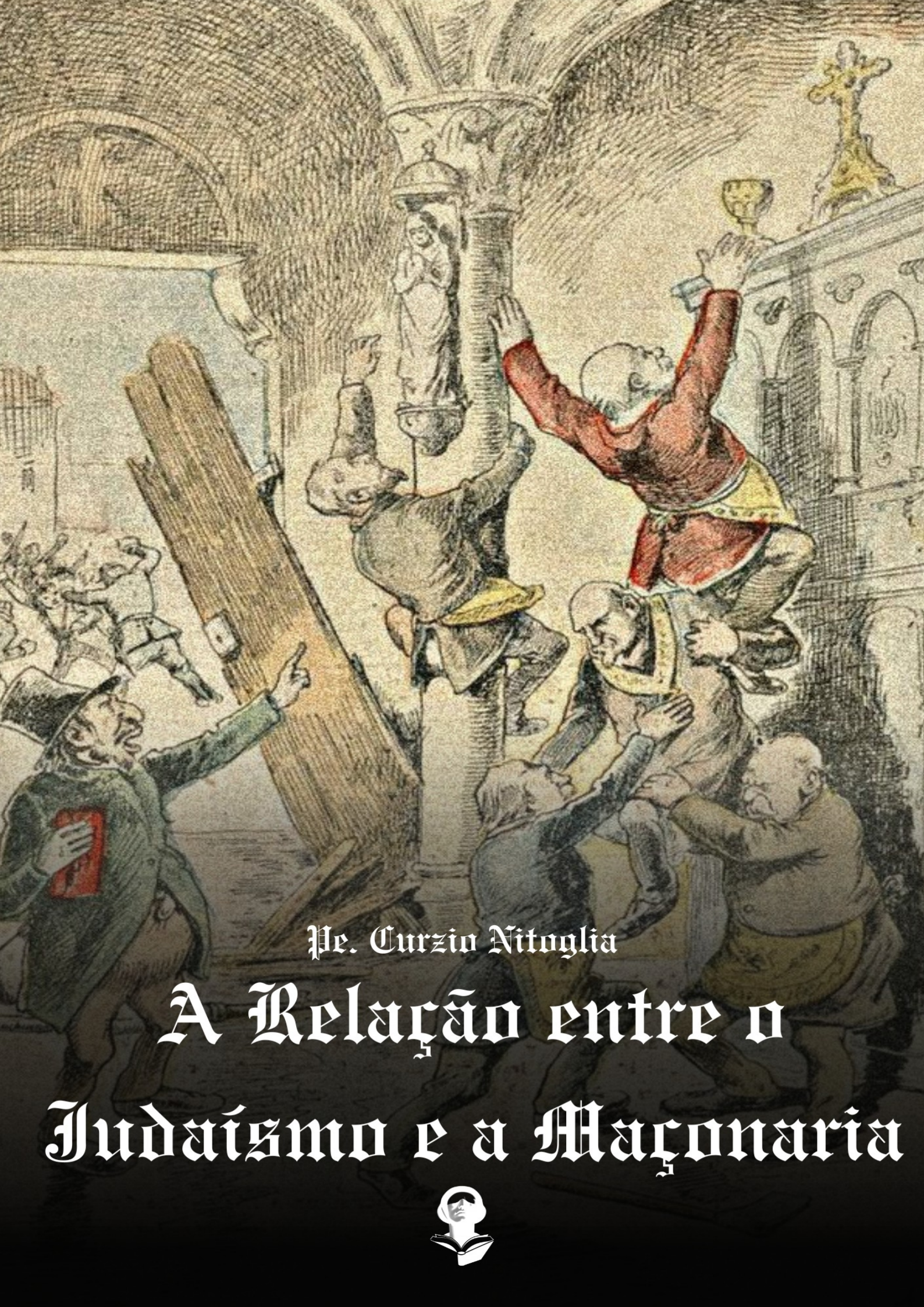

Pe. Curzio Nitoglia

A Relação entre o Judaísmo e a Maçonaria

Pe.Curzio Nitoglia

A Relação entre o Judaísmo e a Maçonaria

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

INTRODUÇÃO....4
A ORIGEM DA MAÇONARIA (ARGUMENTOS DE AUTORIDADES HEBRAICAS, MAÇÔNICAS E CATÓLICAS)....5
OS JUDEUS NA PREPARAÇÃO DA MAÇONARIA....11
OS JUDEUS NA ORIGEM DA MAÇONARIA....12
LIDERANÇA JUDAICA DA MAÇONARIA?....15
ANTAGONISMO DE FINS E IDENTIDADE DE AÇÃO ENTRE A MAÇONARIA E O JUDAÍSMO....16
O QUE FAZER?....17
A TEOLOGIA DA MAÇONARIA É A DA CABALA....18
OS DIREITOS DO HOMEM SUBSTITUEM OS DE DEUS....20
FINALIDADE DA CABALA E DA MAÇONARIA....21
OS JUDEUS, MESTRES DA MAÇONARIA....23
JUDAÍSMO E MAÇONARIA (ARGUMENTOS DE RAZÃO)....25
CONVERSÃO DE COMUNIDADES JUDAICAS EM SOCIEDADES SECRETAS E SUA EVOLUÇÃO DE UM PAPEL DEFENSIVO PARA UM OFENSIVO....28
A NAÇÃO HEBRAICA....30
O GOVERNO NACIONAL JUDAICO....31
O GOVERNO NACIONAL JUDAICO É UM GOVERNO OCULTO COMO O DA MAÇONARIA....33
RASTROS HISTÓRICOS DO GOVERNO NACIONAL JUDAICO....34
II - DESDE O SÉCULO XI ATÉ A ATUALIDADE....37
A AÇÃO JUDEU-MAÇÔNICA NO ENFRENTAMENTO COM O CRISTIANISMO....38
O JUDAÍSMO COMO RELIGIÃO É UMA SEITA SECRETA....39
O SÉCULO DAS LUZES, O JUDAÍSMO E A MAÇONARIA....40
A MAÇONARIA, RECOLETORA DE TODAS ESTAS FORÇAS ANTICRISTÃS....43
LÚCIFER E A MAÇONARIA....44
CONCLUSÃO....46
O ÚNICO REMÉDIO VERDADEIRO CONTRA A JUDEO-MAÇONARIA....47
Notas....49

INTRODUÇÃO

Há alguns meses, o Grão-Mestre da Maçonaria Italiana, Julien De Bernardo, que recentemente renunciou, declarou ao *La Stampa* de Turim em 3 de novembro de 1992: “Começamos com os maçons e terminamos com os judeus”. E o ex-Grão-Mestre, Armando Corona, acrescentou: “As perseguições de maçons [ou franco-maçons – nota do tradutor] e judeus sempre andaram de mãos dadas”.

De igual maneira, na resenha do livro “Israel e a Humanidade”, publicada na revista “Hiram” do Grande Oriente da Itália (novembro de 1992), podemos ler a seguinte frase do rabino cabalista Benamozegh: “O certo é que a teologia maçônica corresponde perfeitamente à da cabala” (E. BENAMOZEGH, *Israël et l’humanité*, Marietti Turim, 1990, pág. 49). A repetição dessas afirmações, com diversas ênfases, motivou nosso interesse pelo tema e despertou nossa curiosidade em aprofundar as relações existentes entre o judaísmo e a maçonaria; deste estudo nasceu o presente artigo.

A ORIGEM DA MAÇONARIA (ARGUMENTOS DE AUTORIDADES HEBRAICAS, MAÇÔNICAS E CATÓLICAS)

Bernard Lazare, reconhecido escritor judeu, afirma: “É certo... que **houve judeus no berço mesmo da maçonaria, judeus cabalistas**, como o demonstram certos ritos preservados...” (B. Lazare, *L’antisemitisme, documentos e testemunhos*, Viena, 1969, pág. 167). O judeu convertido, Joseph Lémann, escreve: “É incontestável que no judaísmo existe uma predisposição para a maçonaria. Essa predisposição provém, infelizmente, de seu ódio a Cristo... É historicamente conhecido que... o antagonismo hebreu, em busca de vingança, longe de negar o apoio às sociedades ocultas, sempre as utilizou... segundo seus próprios interesses contra Jesus Cristo e sua Igreja...” (J. Lémann, *L’entrée des Israélites dans la société française*, Avallon, Paris 1886 (1987), pág. 234).

Puech, o grande historiador (maçom) das religiões, escreve: “O antissemitismo e o ódio antimaçônico têm andado frequentemente de mãos dadas (...) a maioria dos nomes sagrados e das consignas dos diferentes graus maçônicos são judeus. Para enfatizar o esoterismo cabalístico das duas Colunas, dos três Pilares, a própria disposição dos Oficiais no Templo. (...) Devemos mostrar como as diversas formas da Tradição esotérica ocidental (... cabala judaica, hermetismo cristão dos Templários...) se integram, envoltas na pirâmide maçônica” (H. C. Puech, *Histoire des religions. Esotérisme, spiritisme, maçonnerie*, Universali Laterza, Bari 1981, págs. 160, 163, 178). O Grão-Rabino da França, Jo Sitruk, declarou recentemente: “O judaísmo impregnou todo o mundo moderno, especialmente com a Revolução Francesa e a Declaração dos Direitos do Homem” (France-Inter, 21 de dezembro de 1988).

O periódico israelense *The Jewish Tribune* afirmou: “A maçonaria se baseia no judaísmo” (Nova York, 28 de outubro de 1927).

Mac Gowan: “A maçonaria se baseia na antiga Lei de Israel” (*Freemason*, 2 de abril de 1930), que é talmúdica e não mosaica.

Rudolf Klein: “Nosso ritual é judeu, do princípio ao fim” (*La logia*, nos. 7 de agosto, 1928). Do mesmo modo, a autorizada revista jesuíta *La Civiltà cattolica* fez eco dessa opinião, escrevendo: “O judaísmo não tardou em ... misturar-se [com a Maçonaria] e ... informá-la com seu espírito, dirigi-la segundo suas intenções, incorporá-la (...). Para tentar derrubar a religião cristã, (...) era necessário que os judeus trabalhassem de forma subterrânea e oculta, que enviassem outros por diante deles e se escondessem atrás (...): em resumo, era necessário atacar com soldados que não fossem os seus (...). E assim têm posto suas mãos, colocando-se à cabeça do mundo oculto, por meio da Maçonaria, à qual subjugaram (...). Dá-se por certo que toda a Maçonaria está regida por um Sinédrio judeu (...). Na prática, **o judaísmo e a maçonaria se conectam e se identificam** como o ferro com a mão do assassino que o faz vibrar. **O objetivo final ao qual tende o judaísmo ... mediante a maçonaria (...) é a dominação universal, o império do mundo”** (*La Civiltà Cattolica*, série XIV, vol. 8, 1890 citado em R. Piperno, *L’antisémitisme moderne*, Universale Capelli, Rocca San Casciano 1964, págs. 124 – 129).

Os autores citados até agora, judeus ou maçons, afirmam claramente que existe uma relação muito estreita entre a maçonaria e o judaísmo: mas qual é a natureza dessa relação?

Na segunda edição das Constituições de Anderson-Desaguliers (Londres 1738), encontramos esta passagem: o maçom está obrigado “a observar a lei moral como um verdadeiro **Noé**”1. O que isso significa? “Do ponto de vista do judaísmo, o **Noaquismo** [O noahidismo ou noaquismo é um movimento religioso judaico monoteísta dirigido aos não judeus, baseado nas Sete Leis de Noé e suas interpretações tradicionais dentro do judaísmo ortodoxo - ndt] é a única religião ainda em vigor para a humanidade não judaica, exercendo os judeus a função de sacerdotes da humanidade e estando submetidos... à lei de Moisés” (U. FIDELE. *Le décalogue de Satan*, folheto pessoal, sem local nem data, pág. 36).

Um grande especialista, o rabino de Livorno Benamozegh, explica isso ainda melhor: “O judaísmo admite um duplo culto: [o culto laico, de Noé, da humanidade, e o culto sacerdotal, de Israel] (...). O vínculo que no

judaísmo une os dois cultos... é a organização do gênero humano em sacerdotes [os israelitas – nota do editor, adiante "nde"] e leigos [os não israelitas – nde] ... O cumprimento das leis de Noé ... é esse mínimo de religião e moral ao qual nenhuma sociedade do mundo pode renunciar, se não quiser morrer irremediavelmente. (...) [o de Noé é um estrangeiro] não sujeito à religião mosaica. São os "prosélitos da porta" [não completamente convertidos ao judaísmo – nde] que são concidadãos sem ser correligionários; se diferenciam dos "prosélitos da justiça", completamente convertidos ao judaísmo. (...) O de Noé (ou prosélito da porta) não foi submetido à circuncisão... É o gentio que aceitou os sete preceitos de Noé e não está circuncidado nem batizado" (E. BENAMOZEGH, op. cit., págs. 198-213). nem batizado" (E. BENAMOZEGH, op. cit., págs. 198-213).

O maçom, que deve submeter-se às leis de Noé, **não é portanto outra coisa senão o fiel leigo do sacerdote judeu** submetido à lei mosaica ou, melhor ainda, à lei talmúdica.

Com efeito, é bem sabido que os maçons querem reconstruir o Templo de Salomão, mas qual é o verdadeiro e oculto significado de tal afirmação? "Quando Salomão realizou o censo, os estrangeiros ou noáquicos [hoje maçons – nota do editor, adiante "nde"] (...) [estes] foram escolhidos para trabalhar na construção do Templo." (ibidem, op. cit., págs. 213 – 214).

Portanto, o maçom, o de hoje, por livre escolha, deve construir o Templo de Israel. Sob a autoridade do judeu, seu sacerdote e mestre.

Mas o que significa exatamente reconstruir o Templo? É isso que Benamozegh responde: "A casa de Deus [o Templo – nde] ... era uma imagem e, por assim dizer, um resumo de todo o universo. Um exame cuidadoso de sua arquitetura ... revela seu caráter eminentemente simbólico. (...) Dessa maneira, simbolizava-se a separação entre a raça humana e o povo sacerdotal. (...) Assim, o lugar santo ou o recinto central não representava o homem em geral, mas especificamente o israelita; o pátio, o resto da família de Adão, e todo o edifício, todo o nosso universo.

(...) Os rabinos posteriores ao Talmud (...) confirmaram todo o conceito de religião universal que se revela ... na forma do Templo.

(...) Vejamos agora que papel tiveram os gentios na construção do santuário.... Foi Hiram, que, a pedido de Salomão, forneceu os materiais e artesãos necessários para a construção do Templo. (...) Hiram, a quem a Escritura se preocupa em assinalar como filho de mãe judia e pai de Tiro, como se em sua pessoa Israel e os gentios se unissem para a obra divina" (E. BENAMOZEGH, op. cit., págs. 263-268).

Construir o Templo, portanto, significa fundar a religião universal na qual o judeu é o sacerdote e o maçom o simples fiel. De fato: "Quais são as condições proclamadas essenciais para que a oração dos gentios seja ouvida por Deus? Seu culto deve, antes de tudo, estar em conformidade com o dos israelitas (...). Eles devem reconhecer a missão sacerdotal dos judeus" (ibid., págs. 269-270). U. Fidele comenta, portanto: "Um bom maçom não seria outra coisa senão um leigo de Israel. Em outras palavras: a maçonaria foi, desde suas origens, uma organização destinada a judaizar os gentios (não judeus)" (op. cit., pág. 36). Benamozegh, por sua vez, o confirma: "A religião universal não consiste em uma conversão pura e simples dos gentios ao mosaísmo, mas no devido reconhecimento, por parte da humanidade, da verdade da doutrina de Israel" (E. BENAMOZEGH, op. cit., pág. 271).

Em resumo, **o maçom deve ajudar, como bom fiel leigo, a seu mestre e sacerdote judeu a convencer todos os pagãos de que a única religião verdadeira é a talmúdica,** à qual os pagãos ingressarão para formar parte, não de pleno direito, mas como de Noé.

"A edição de 1738 [das Constituições de Anderson] transcende, cruza as fronteiras do cristianismo — escreve o professor Vannoni—, ao declarar que a religião sob a qual se reúnem todos os homens está representada pelos princípios do noaquismo. Cristo é superado em uma regressão temporal ao patriarca antediluviano Noé, 'Noé' em hebraico. (...) Cabe assinalar... **que o Antigo Testamento fala de Noé, mas não diz uma só palavra sobre os princípios de Noé, para o qual é preciso recorrer ao Talmud. Portanto, com a segunda edição das Constituições de**

Anderson, a maçonaria dá um passo a mais... ao extrair do Talmud seus próprios fundamentos ideológicos oficiais" (G. VANNONI, op. cit., (pág. 45-46).

Portanto, é possível concluir desde este momento que **a maçonaria é uma sociedade de origem talmúdica!** *La Vérité Israélite*, uma revista judaica de Paris, em 1861, resumiu muito bem as relações que existem entre o judaísmo e a maçonaria: "Essas relações são mais íntimas do que se poderia pensar. O judaísmo deve manter pela maçonaria, de maneira geral, uma viva e profunda simpatia (...) **[o espírito da maçonaria] é o espírito do judaísmo em seus dogmas fundamentais, é seu ideal, é sua linguagem, é quase sua organização (...)** O Templo que deve ser construído, já que o santuário de Jerusalém foi destruído... é o santuário moral, o asilo divino no qual todos os homens reconciliados se encontrarão um dia" (*Vérité Israelite*, 80 Rue Taitbout, volume 5, 1861, pág. 74).

"**A unidade da humanidade, pela qual trabalham judeus e maçons** — comenta Leon de Poncins —, **é a unificação do mundo sob a lei judaica**" (L. DE PONCINS, *Christianisme et franc-maçonnerie*, D.P.F., Chiré-en-Montreuil 1975, pág. 112).

Alguns autores creem que o judaísmo é a origem e a causa da maçonaria; por exemplo, Mons. Jouin: "**Os maçons estão nas mãos dos judeus,** que impõem uma direção única às lojas que eles difundem e multiplicam por todo o universo. Essas lojas maçônicas, além disso, serão abolidas com a chegada do supergoverno de Israel (a Nova Ordem Mundial – nde).

(...) Os maçons são, junto com os judeus, os fiéis da Contraigreja: recebem a liderança exclusiva de um antipapismo mundial... **os maçons constituem a terceira ordem mendicante dos judeus.**

Pelo contrário, segundo certos maçons, não existe parentesco nem irmandade entre a loja e o gueto.

(...) Na Hungria, por outro lado, onde a dissolução das Lojas (1920) deu lugar à divulgação de vários documentos... existe prova de que existe uma questão judaica e uma questão maçônica, e que ambas estão

inextricavelmente ligadas. (...) A questão maçônica depende da questão judaica... **Devemos, portanto, afirmar que a maçonaria é filha do judaísmo?** Isto não seria um erro, mas sim uma falta de precisão: **o judaísmo é o avô da maçonaria, que tem como pais o Renascimento, o Iluminismo e a reforma protestante.** No entanto, as influências do judaísmo são muito fortes no humanismo, no Iluminismo e no protestantismo (Monseñor E. JOUIN, *Le péril judéomaçonnique*, tomo II, Revue internationale des Sociétés Secretes, Paris, 1921, págs. 1-7).

Outro autor reconhecido, Drumont, escreve: "A luta contra as crenças [cristãs]... foi a perseguição de três religiões que buscam oprimir-se mutuamente". Se os **judeus**, confundidos com os **maçons**, se distinguiam por um ódio especial Àquele a quem haviam crucificado, se estavam à frente do movimento [revolucionário] (...) contavam com o apoio dos protestantes [que odiavam a Igreja e o Vigário de Cristo]…

A maçonaria é uma ordem religiosa em rebelião (...). **A origem judaica da maçonaria se manifestou... abram qualquer ritual e tudo lhes falará da Judeia.** Kadosch, o grau mais alto, significa Santo em hebreu…

Simpatia e ternura por Jerusalém e seus representantes; ódio por Cristo e pelos cristãos: toda a maçonaria está aí. (…)

A maçonaria era uma espécie de judaísmo aberto [aos pagãos]... agência, onde os judeus confraternizavam com pessoas que não teriam querido acolher em seus lares.

Abrigado por trás dessa máquina de guerra que o ocultava, o judeu pôde cometer o mal sem ser responsabilizado... (E. DRUMONT, *La France Juive*, Paris 1885, ed. Marpon e Flammarion, págs. 310-329)'2.

OS JUDEUS NA PREPARAÇÃO DA MAÇONARIA

O testemunho do famoso autor judeu James Darmesteter também é muito interessante:

> "O judeu busca os pontos mais vulneráveis da Igreja, e para descobri-los tem a seu serviço, além do conhecimento dos Livros Sagrados, a sagacidade dos oprimidos. É o doutor dos incrédulos; todos os rebeldes do espírito recorreram a ele, na sombra ou às claras.
>
> Trabalha no imenso laboratório da blasfêmia... é ele quem forjou todo o arsenal assassino de raciocínio e ironia que armará os céticos do Renascimento e os libertinos; e esse certo sarcasmo de Voltaire é apenas o último eco de uma palavra sussurrada, ... seis séculos antes, à sombra do gueto, ou melhor ainda nos tempos de Celso e Orígenes, no próprio berço da religião de Cristo" (J. DARMESTETER, *Coup d'œil sur l'histoire du peuple juif*, Paris 1881).

De todas essas correntes anticristãs nasceu finalmente a maçonaria. Filha do paganismo renascentista, do Iluminismo e do livre exame protestante, neta do ódio judaico contra Nosso Senhor Jesus Cristo e bisneta de Lúcifer. "A maçonaria moderna ... está vinculada não apenas à maçonaria operativa, na qual membros honorários a infiltraram e a transformaram em maçonaria especulativa, mas também a seitas, sociedades secretas, ocultistas e cabalistas, que a precedem, e nas quais se encontra o elemento judaico" (Monseñor E. JOUIN, *op. cit.*, pág. 7. - Cf. também Mons. H. DELAS-SUS, *La Conjuration antichrétienne*, Lille 1910, Desclée, Tomo II, pág. 420-428; 564-577; 613-628; 675-688).

OS JUDEUS NA ORIGEM DA MAÇONARIA

"As lojas martinistas eram místicas, enquanto as demais ordens da maçonaria eram antes racionalistas; o que nos permite dizer que as sociedades secretas representavam ambas as facetas da mentalidade judaica: o racionalismo prático e o panteísmo... o que conduziu à teurgia cabalística... Os judeus puderam ser bons agentes das sociedades secretas porque as doutrinas dessas sociedades secretas eram coerentes com as suas próprias..." (B. LAZARE, *op. cit.*, pág. 167).

O irmão .·. judeu Sayer, primeiro Grão-Mestre da Grande Loja de Londres

Em uma revista maçônica estadunidense, dizia-se: "O autor (do artigo - nde) assinalou com frequência como um judeu, educado na ortodoxia judaica, recebe a luz maçônica. (...) Alguns irmãos judeus procedentes da Europa, onde a raça judaica é perseguida, encontram a luz e a liberdade maçônicas tão reconfortantes que creem estar redescobrindo um judaísmo mais puro... Mas a verdadeira razão pela qual o judeu, instruído nas Escrituras e no ritual de sua religião, está familiarizado com os detalhes que a **maçonaria** lhe oferece, é que as cerimônias judaicas reproduzem

realmente todos os sinais maçônicos, a maior parte de nossos símbolos e grande parte da fraseologia dos graus maçônicos" (*Esquadro e Compasso*, Nova Orleans, fevereiro de 1921, pág. 13).

De igual maneira, o padre jesuíta Caprile escreve: "**Na maçonaria convergem numerosas ideias e elementos de correntes cabalísticas... provenientes do judaísmo.** (...) O ano maçônico se obtém somando 4000 ao ano em curso. O rito escocês segue o ano judaico calculado somando o número 3760 ao atual" ... (G. CAPRILE S.J., *Francs-maçons et Franc-maçonnerie*, ed. La Civiltà cattolica, Roma 1958, págs. 8-9).

E de novo, quando o Dr. Isaac-M. Wise (o nome em si é indicativo) diz: "**A maçonaria é uma instituição judaica, cuja história, regulamentos, deveres, letras e explicações são judaicos do princípio ao fim**" (*The Israelite*, 3 e 17 de agosto de 1855), o bispo Jouin pode concluir: "**A maçonaria é uma instituição marcada desde seu nascimento por uma marca judaica, com seu duplo caráter deicida e satânico**" (Mons. E. JOUIN, *op. cit.*, pág. 14). A declaração sobre este tema do jornalista Bernard Lazare é de considerável interesse: "**Era inevitável que o judeu desempenhasse um grande papel nas revoluções: ele o desempenhou.** (...) Os talmudistas foram, em seu momento, filósofos racionalistas. (...) Esses racionalistas... do século X ao XV, até o Renascimento, foram os auxiliares daquilo que poderíamos chamar de revolução geral da humanidade. Ajudaram o homem... a libertar-se das amarras religiosas. (...) Em uma época em que o catolicismo e a fé cristã eram a base dos Estados, combatê-los ou fornecer armas àqueles que os atacavam era agir como um revolucionário... **Os judeus... apoiaram o materialismo árabe que abalou tão fortemente a fé cristã e propagou a incredulidade, até o ponto em que se afirmou a existência de uma sociedade secreta que havia jurado a destruição do cristianismo.** (...) **Os judeus eram numerosos nas sociedades secretas que formaram o movimento revolucionário, nas lojas maçônicas, nos grupos carbonários, nas altas vendas romanas,** em toda parte, na França, Alemanha, Suíça, Áustria e Itália.

(...) Eles estiveram entre os fundadores do capitalismo industrial e financeiro, e protestaram com a veemência mais extrema contra esse capital. Eles foram aqueles que prepararam a revolução no pensamento e aqueles que a traduziram em ação.

(...) Marx, descendente de uma linhagem de rabinos... herdou toda a força lógica de seus antepassados; foi um talmudista lúcido e claro... que estudou sociologia e aplicou suas qualidades inatas de exegeta à crítica da economia política. Impulsionava-o esse antigo materialismo hebreu que sonhava perpetuamente com um paraíso realizado na terra... mas não era apenas um lógico, também era um rebelde, um agitador, um polemista acérrimo, e tomou seu dom para o sarcasmo e a invectiva... de fontes judaicas" (B. LAZARE, *op. cit.*, pág. 162-170).

LIDERANÇA JUDAICA DA MAÇONARIA?

Hoje, mais do que nunca, a maçonaria é a dona do mundo, na medida em que é a "mobilização das forças do mal que atacam a sociedade e a religião" (Monseñor E. JOUIN, *op. cit.*, pág. 85-87). O ideal maçônico é, portanto, "a supremacia da razão sobre a fé, a Declaração dos Direitos do Homem". É o livre exame, a moral livre e independente, a liberdade de consciência... o que conduz à secularização da sociedade, em resumo, é o retorno ao paganismo" (ibidem). **O ideal maçônico — um ideal revolucionário e pagão — se opõe ao católico.... daí o verdadeiro objetivo internacional da maçonaria: a destruição do catolicismo.... o lema da maçonaria foi bem resumido por Tigrotto: "Nós conspiramos apenas contra Roma"...** Na França, a revista maçônica *L'acacia* chama continuamente a maçonaria: "a Contraigreja, a Igreja da heresia, isto é, da opinião; a Igreja do livre pensamento e do livre exame" (Mons. E. JOUIN, *op. cit.*, págs. 85-90).

Precisamente em relação à inspiração judaica da maçonaria e à sua submissão aos objetivos da dominação mundial judaica, a declaração do maçom Findel é de particular interesse: "Um dia, falei com entusiasmo em favor dos judeus, porque me pareciam oprimidos. Agora compreendo que são nossos opressores" (J-G. FINDEL, *Vermischte Schriften*, vol. II, pág. 92; Leipzig, 1902).

Os judeus utilizam os maçons para desencadear a revolução em todas as nações.

ANTAGONISMO DE FINS E IDENTIDADE DE AÇÃO ENTRE A MAÇONARIA E O JUDAÍSMO

"**A República Universal**, fruto da revolução social, não é mais que o penúltimo ato do drama maçônico. Qual será o último? O **Supergoverno Judaico**. A ruína está consumada, de modo que a Maçonaria, que não é mais que uma obra de destruição, deve desaparecer. (...) [Com efeito] o antagonismo entre a Maçonaria e o Judaísmo é irredutível. **Os maçons querem como fim último a República Universal**, a fraternidade, o humanitarismo, o reino do povo (...)."

Os judeus só veem na República Universal o trampolim para dominar as nações caídas .... e estabelecer o Supergoverno de Israel, baseado em uma ditadura, uma autocracia, uma tirania desconhecida ... no passado. **A obra maçônica judaica** é a mesma; **o objetivo** e o ideal dos judeus e dos maçons são opostos "per diamentrum".

Então, se o verdadeiro inimigo é o judeu ... [Desde há vinte séculos, a cidade de Deus é a Igreja Católica, e a cidade do mal é o povo judeu, um povo internacional estendido por toda a terra. Aqui acontece a luta efêmera do bem e do mal, de Cristo e Satanás, entre o povo católico e o povo judeu" (Mons. JOUIN, *op. cit.*, págs. 100 – 116).

O QUE FAZER?

Depois de tudo o que foi dito, que remédios se podem prever?

Evidentemente, não os pogroms.

Nem o gueto (a Cristandade medieval já passou, na qual, como dizia Leão XIII, “a filosofia do Evangelho governava os Estados”); a conversão dos judeus é um mistério da Fé, cuja realização não depende de nós. Só temos um remédio: **nossa conversão**: de fato, **o judaísmo dominante é o castigo do católico tíbio**. O judaísmo penetra na sociedade na medida em que ela rejeita o Reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo. “Quanto mais rejeitarem a pobreza de Jesus Cristo e adorarem o bezerro de ouro, mais o judeu monopolizará a riqueza pública e se converterá em bancos nossos mais belos palácios. Quanto mais rejeitarem a pureza de Jesus Cristo, mais o judeu semeará as sementes da corrupção .... Quanto mais rejeitarem a humildade de Jesus Cristo, mais exaltarão o homem... para fazer dele um “deus”, mais tais vãs adulações do pensamento humano o rodearão de ignorância e trevas .... **A conversão é o único remédio**. Levem Jesus Cristo, e o judeu recuará; os mercadores do Templo verão suas mesas viradas .... Em uma palavra, deixaremos de ser judeus. Então o judeu voltará a ser o judeu errante e se encerrará nos guetos, esperando sua conversão sincera, no dia em que voltarmos a ser sinceramente católicos” (Mons. E. JOUIN, *op. cit.*, págs. 118 – 119).

A TEOLOGIA DA MAÇONARIA É A DA CABALA

O rabino de Livorno Elie Benamozegh admite a identidade entre as duas teologias; analisemos agora mais a fundo em que consiste.

"**Os dogmas da maçonaria são os dogmas da cabala**, e em particular os do livro "Zohar". Este fato não se admite em nenhum documento maçônico. É um dos grandes segredos que os judeus souberam guardar. (...) O ensino da doutrina maçônica está velado ... sob três "condecorações" e sete "emblemas", que derivam da autoridade suprema invisível da Maçonaria, do mesmo modo que as três "Sefiroth" superiores e as sete inferiores emanam do inescrutável "Ensoph" da Cabala.

(...) Segundo a maçonaria cabalística, o triângulo equilátero é um emblema da Trindade infinita ... da qual o homem é uma emanação finita. ... Os três pontos (...) representam uma forma limitada ... do ser infinito representado pelo triângulo das linhas (Δ). Os pontos que os maçons acrescentam ao seu nome são uma profissão de fé; expressam assim sua crença no dogma fundamental ... de sua Ordem, que **o homem é uma emanação individual da divindade, e daí que ele divinize a si mesmo**: ... eles são culpados de uma audaciosa deificação do homem" (Mons. MEURIN, *La Franc-maçonnerie, Synagogue de Satan*, Sienne 1895, Bureau de la bibliothèque du clergé, págs. 17 -18).

Para os cabalistas, o "Ensoph" (infinito: en = sem; soph = limite) era antes o indeterminado do que o infinito, a pura potência ou matéria primeira (a "matéria matriz", como a chamava Teilhard), do que o ato puro. Dele emana necessariamente o indivíduo, que é assim de sua própria substância "divina". Como vemos, tal concepção é **panteísmo**, que é a negação da diferença essencial entre Deus e o universo, é a deificação da criatura, é a antiga tentação demoníaca que repete ao homem: "Sereis como Deus" (Gên., III, 5).

"A ideia de Deus é a plenitude infinita de todas as perfeições possíveis. A ideia do 'Ensoph' cabalístico é o vazio absoluto ... um zero perfeito, o nada infinito. ... Deus é o ser supremo; o 'Ensoph' é uma abstração

puramente mental, um ídolo imaginário adorado tolamente pelos judeus cabalistas e pelos maçons como causa primeira” (Mons. MEURIN, *op. cit.*, pág. 44).

OS DIREITOS DO HOMEM SUBSTITUEM OS DE DEUS

A criação é, com efeito, uma emanação do indeterminado; tal doutrina pode ser chamada de deificação ou culto do homem, ou antropomorfismo de Deus. “Pôr os direitos do homem no lugar da lei divina, estabelecer o reinado da humanidade em lugar do reino do Criador, é o objetivo supremo das sociedades secretas ... As seitas, para alcançar esse objetivo, trabalham contra a Igreja católica... o que querem atacar é a Sé romana, o que significa que a Igreja católica nunca poderá rebaixar-se a se tornar uma igreja nacional como a ortodoxa ou a anglicana, mas continuará sempre sendo universal. (...) Corromper a Igreja, transformar o catolicismo ... é o sonho [das seitas] ... “o que precisamos é de um papa à nossa medida” [escreveu o chefe da Alta-Vendita, citado por CRÉTINEAU-JOLY, *L’Eglise Romaine en face de la Révolution*, T. II, págs. 85 – 88 - nde] ... se tais desígnios pudessem se tornar realidade [e infelizmente, com o Concílio Vaticano II, tornaram-se realidade - nde], a Revolução seria verdadeiramente dona do mundo e o Reino de Satanás substituiria o de Jesus Cristo [mas “as portas do inferno não prevalecerão” definitivamente - nde] (Mons. N. DESCHAMPS, *Les sociétés secrètes et la société*, Avignon 1881, Seguin ed, tomo I, págs. CI – CVII).

FINALIDADE DA CABALA E DA MAÇONARIA

"Muitos não acreditariam —escreve o padre Caprile—, no entanto, como fim último de sua atividade... a maçonaria se propõe a dominação do mundo e da sociedade, eliminando e —se possível— destruindo a Igreja e a religião católica" (G. CAPRILE, *op. cit.*, pág. 15).

O objetivo da maçonaria era a República Universal e a maçonaria é uma instituição judaica. "Imbuído da filosofia cabalística, **não se estabelece a maçonaria** —pergunta Mons. Meurin— **para ser o instrumento do povo judeu**? ... O homem arquetípico, o homem por excelência, o modelo de todos os homens, é o judeu! Carlile, uma autoridade maçônica —continua Mons. Meurin—, dá a seguinte definição do nome judeu: "O significado original do nome ... de judeu, era o de um homem sábio e perfeito .... A palavra tem o mesmo significado que Javé; literalmente é o Deus do Homem" (*Manual of Freemasonry*, pág. 177) ... O Homem perfeito é, portanto, o Judeu" (Mons. MEURIN, *op. cit.*., págs. 84 – 86).

Quando o Maçom fala da perfeição ética do homem, está falando da judaização da humanidade.

Por parte judaica, o judaísmo como religião não compreendeu o sentido espiritual de sua vocação e acreditou que o Reino do Messias seria um reino temporal e material no qual o judeu seria o grande soberano de todo o universo (dos noaítas, como explica Benamozegh). **Para o judeu, portanto, a religião é a aspiração à dominação universal.**

Na maçonaria, os profanos se judaízam, tornam-se noaítas ou "prosélitos de porta", e se tornam seguidores do sacerdote supremo da humanidade: o judeu. Desde o nascimento da Igreja, a Cabala tentou judaizá-la por meio do gnosticismo "que era a cabala judaica adaptada a um fim especial, o de infiltrar-se no cristianismo nascente para destruí-lo. Esmagar a infame heresia do Nazareno foi sempre o mais ardente e odioso desejo dos judeus caídos (...) Como seus pais haviam desgarrado o Corpo de Jesus Cristo com seus látegos sangrentos, assim os judeus dos primeiros séculos tentaram, por meio da Gnose, fazer em pedaços sua Pessoa e sua Natureza divina (...) Não tendo tido êxito no

princípio nessa obra diabólica, apesar da aliança de sua Sinagoga com a heresia, perseveraram com uma tenacidade inaudita em atacar o dogma cristão, criando sempre novas seitas, filiações da Cabala; e acabaram por associar ao veneno dissolvente de sua doutrina cabalística a astúcia e a violência das paixões humanas: **os judeus criaram a maçonaria, a aliança da Sinagoga caída com uma Ordem decaída de cavalaria religiosa. Ao ódio de Satanás e dos judeus uniu-se o dos apóstatas, unidos contra o Senhor e seu Cristo; esta é a história do mundo há séculos e séculos**" (Mons. MEURIN, *op. cit.*, págs. 113 – 114).

Se considerarmos que a maçonaria tem como pais imediatos o Paganismo do Renascimento e o Livre Exame da Reforma protestante, mais além da filosofia da Ilustração, é natural e lógico concluir que "ninguém tinha interesse em reviver o antigo paganismo; o cristianismo o havia substituído da maneira mais vantajosa. Já não havia pagãos que se apegassem às crenças de seus antepassados. Só os judeus tinham interesse em opor-se ao fortalecimento e ao livre desenvolvimento da civilização cristã" (Mons. MEURIN, *op. cit.*, p. 142).

OS JUDEUS, MESTRES DA MAÇONARIA

"Hiram, o grande herói da fábula maçônica, nasceu de um matrimônio misto entre um cainita e uma adamita. Seu pai era tírio, da raça de Cam, de Caim, e, portanto, segundo a fábula dos maçons, descendente de Eblis, que, sob a forma da serpente, seduziu Eva. Sua mãe era da tribo de Neftali, e, portanto, descendente de Sem, Sete e Adão. Este matrimônio misto, do qual nasce o herói da maçonaria, é o símbolo da aliança entre o judeu e Satanás, da qual surge a sociedade secreta. (...) **Examinemos as doutrinas da maçonaria e encontraremos o judeu por toda parte**... As decorações e ensinamentos da loja demonstram que **a cabala judaica é a doutrina, a alma, a base e a força oculta da maçonaria**". (Mons. MEURIN, *op. cit.*, págs. 173-174). Sabemos que os cabalistas transformaram o Deus-homem, o Verbo encarnado, em uma emanação do "Ensoph" e, pelo contrário, fizeram do judeu o próprio Deus; acrescentemos, pois, o deicídio e o pecado satânico de fazer-se "deus", e compreenderemos a ira e o ódio abismal do judeu cabalista contra Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Igreja, e a fervente atividade que dedica a destruir tudo o que se opõe à sua ambição e a reconstruir o Templo de Salomão, símbolo de seu supergoverno mundial. O judeu utiliza o maçom como crente leigo nesta dupla obra de *solve et coagula*. Os judeus são a alma da maçonaria, e os "cristãos" revolucionários são meros títeres em suas mãos.

"O inferno se desencadeou... os erros fatais do paganismo, uma vez vencido; convocou sob sua bandeira o antigo ódio da Sinagoga caída e a audácia exasperada do povo deicida... alistou em seu exército todas as paixões violentas da humanidade corrompida (...). Todas estas forças, o inferno as organizou e dirigiu contra a Igreja de Cristo (...). Paganismo, judaísmo, apostasia, vícios e paixões, sob a direção suprema de Lúcifer, lançam-se juntos ao assalto contra a Igreja (...). A Esposa do Salvador está acostumada a vencer por meio do sofrimento. A maçonaria, esta nova Sinagoga de Satanás, será, como a antiga Sinagoga, vencida pela Cruz.

(...) O povo de Israel, quão grande e majestoso é enquanto caminha com o Senhor, mas quão terrível e horrível é em seu ódio contra seu

Messias, a quem maltratou e matou na Cruz! Se apenas quisesse elevar-se do significado material de seus Livros Sagrados ao significado espiritual, se salvaria... Mas não quer. Sua cegueira é voluntária... o orgulho é a explicação. (...) O orgulho de uma grande inteligência prefere mil vezes sofrer a se rebaixar e reconhecer seu erro. Assim que se humilha diante de Deus, o judeu vê: “algo como escamas caem de seus olhos” (Atos 9, 18) ... Por que então os judeus não veem a verdade? Por quê, com orgulho, a buscam em uma cabala fundamentalmente antirracional e abertamente satânica? Não esperem, ó judeus, escapar da calamidade que os ameaça uma vez mais!

Sua nação deicida chegou neste momento a um desses apogeus de poder... que deve conduzir, como sempre, a uma grande desgraça nacional. O dia em que os aplaste será a véspera de uma expansão vital da Igreja, sua vítima, como a História nunca viu. Seus profetas o prometeram! (Mons. MEURIN, *op. cit.*, págs. 414-415).

JUDAÍSMO E MAÇONARIA (ARGUMENTOS DE RAZÃO)

Com a destruição de Jerusalém e sua dispersão (135 d. C.), os judeus quiseram levar consigo sua pátria; os dispersos não se separaram, não buscaram fundir-se com a nação que os recebeu, e não queriam perder seu caráter de estrangeiros. Portanto, agruparam-se, onde quer que fossem, em pequenas aglomerações que constituíam verdadeiras nações dentro da nação. Dessa situação anormal nasceu inevitavelmente uma desconfiança mútua entre os povos anfitriões. A hostilidade, engendrada por interesses opostos, logo sucedeu a essa desconfiança.

"Estabelecia-se um sistema de luta entre os invadidos e os invasores, semelhante ao que existe entre certos insetos parasitas e o animal sobre cujo corpo pousam. Este último se defende como pode —escreve Copin Albancelli, a quem se pode recorrer a esta parte do artigo— ... Ele sente a necessidade de expulsar o intruso. O parasita, pelo contrário, não quer ser afugentado. (...) Em vez de ir embora, esconde-se" (COPIN ALBANCELLI, *La conjuration juive contre le monde chrétien*, Paris 1909, La Renaissance Française ed., pág. 302).

Também lemos nos Atos dos Apóstolos que, após a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, o judaísmo religioso persistiu em sua rejeição e ódio a Cristo. Este é um fato óbvio e incontestável, pois a religião judaica pós-cristã manteve suas ideias religiosas de um messianismo terreno e material, que se opõem totalmente à religião cristã. Por outro lado, o judeu deve reconhecer a expansão universal da Igreja de Cristo. A religião católica gerou uma civilização, e é contra esta civilização e esta religião que luta o judaísmo. De fato, quanto mais se estende a religião cristã, mais aumenta o ódio contra os judeus que crucificaram seu fundador. É esta situação que levou ao desenvolvimento, no povo judeu, que não se rende, de um ódio implacável contra a Igreja e a sociedade cristã, comparável ao que encontramos na maçonaria.

A situação conflituosa das comunidades judaicas em outras nações era, portanto, particularmente aguda nos países cristãos. O Magistério Papal, por sua parte, recomendou prudência nas relações com os judeus, ao

mesmo tempo que condenava firmemente o ódio racial. Enquanto isso, os judeus, como vimos anteriormente, ao observar o triunfo da religião fundada por Jesus Cristo, sua vítima, alimentavam um ódio cada vez mais profundo.

CONVERSÃO DE COMUNIDADES JUDAICAS EM SOCIEDADES SECRETAS E SUA EVOLUÇÃO DE UM PAPEL DEFENSIVO PARA UM OFENSIVO

As sociedades secretas, isto é, aquelas nas quais alguém guarda em segredo sua pertença estrangeira, costumam surgir quando um grupo de pessoas que vive em um Estado hostil sente a necessidade de se reunir em segredo com fins defensivos e para manter em segredo suas deliberações. A partir da diáspora, as comunidades judaicas se encontram em uma situação semelhante, especialmente entre as populações cristãs: não aceitam o direito comum dos povos de acolhida e, para evitar a expulsão ou a integração, dão lugar a sociedades secretas "defensivas". No entanto, não experimentam tal necessidade exteriormente; ao contrário, é resultado da livre escolha de continuarem sendo uma nação (judaica) dentro da nação de acolhida.

"Mas — pergunta-se Copin Albancelli —, não é lei da vida que as coisas que começam sejam imperfeitas? E tão logo esses embriões existiram, não foi por um processo natural e quase invencível que tiveram de ser as sementes dessas outras sociedades secretas mais pérfidas?…

Sociedades secretas puramente defensivas e puramente judaicas; este, pois, como veremos, é o ponto de partida da futura maçonaria" (COPIN ALBANCELLI, *op. cit.*, págs. 310-311).

Com o fortalecimento e a expansão do cristianismo, foi necessário que o judaísmo — sob pena de se render e se declarar derrotado por Jesus Cristo — atacasse a religião cristã, não abertamente, mas em segredo, mediante astúcia, mentiras e fraude; isso foi fatal para um povo que, disperso e espalhado entre outros povos, afirmava permanecer completamente independente.

Os judeus, para alcançar uma posição de superioridade, viram-se obrigados a observar e estudar as faltas, paixões e vícios dos cristãos, inclusive por meio da espionagem e da chantagem: assim conseguiram aproveitar-se deles e impor suas condições. "Essa aptidão se encontra não

só na maioria dos indivíduos pertencentes à raça judaica, mas também na instituição maçônica, notavelmente hábil para explorar as faltas de seus adversários, em particular sua vaidade” [Cuidado com os aduladores!] (COPIN ALBANCELLI, *op. cit.*, p. 315).

Um mistério de iniquidade, perpetuado na história, desde o “non serviam” até o beijo de Judas, que o judaísmo-religião retomaria continuamente diante do cristianismo, em todas as épocas.

A NAÇÃO HEBRAICA

Existe apenas uma raça e uma religião judaicas, ou existe também uma nação judaica? Se uma nação proporciona à raça uma comunidade de interesses e um ideal particular, então podemos afirmar que os homens pertencentes à raça judaica e ao judaísmo-religião constituem uma nação.

Embora seja certo que desde 1948 os judeus têm um Estado territorial, também é certo que se pode falar corretamente de uma Nação judaica, já que os judeus sempre consideraram o mundo inteiro sua pátria, sobre a qual, segundo a religião talmúdica, se consideram 'senhores'3.

O GOVERNO NACIONAL JUDAICO

Objeta-se que não pode existir um governo nacional judaico: de fato, uma nação só existe quando existe um governo que unifica os interesses daqueles que habitam um território determinado, embora se observe que não existe um governo único para os judeus espalhados por todo o mundo. Pode-se responder facilmente com o exemplo histórico de que a visibilidade não é uma condição fundamental e que a aparente ausência de um governo não significa necessariamente que ele não exista. Agora se sabe que a maçonaria levou a cabo o Risorgimento e governou a Itália desde 18704: na aparência, o governo maçônico não era visível, mas nem por isso não existia; pelo contrário, como afirmou o primeiro-ministro inglês Benjamin Disraeli, maçom e judeu: "O mundo é governado por pessoas completamente diferentes das que imaginam aqueles que não veem o que acontece nos bastidores" (B. DISRAELI, *Coningsby*, Paris, 1884, pág. 184).

Se examinarmos a história do povo judeu, devemos observar que, apesar de vinte séculos de dispersão, ele é o único no mundo que conservou sua própria cultura, seu próprio ideal religioso e nacional, a mesma comunidade de interesses: disso devemos deduzir que existe um governo nacional judaico — isto é, uma autoridade — que manteve, durante dois mil anos, em todo o mundo, a unidade dos judeus dispersos. (Podemos facilmente ser enganados nesse tema, pois estamos acostumados a ver um governo apenas onde há unidade territorial.

Portanto, apesar das aparências, devemos estar de acordo em que existe um governo judaico; e isso porque existe um povo, o judaico, que tem uma comunidade de ideais e interesses (*"sine causa ullo effectu"*) [sem causa, sem nenhum efeito – ndt]. A maçonaria tampouco tem outra pátria além do mundo, e, no entanto, seria tolice dizer que ela não tem governo; este é especial, no sentido de que é oculto, mas continua sendo um governo. "Não há corpo sem cabeça, não há sociedade sem governo, não há exército sem general, não há povo sem poder público. O axioma romano *"Tolle unum est turba, adde unum est populus"* [Tire um e é uma massa,

acrescente um e é um povo; o um não precisa ser uma pessoa, pode ser um chefe, um ideal… – ndt] tem aqui sua plena justificação: sem o poder diretivo judaico, a maçonaria seria uma multidão mais ou menos enlouquecida por umas poucas ideias subversivas, mas que se desintegraria por si só em vez de ser a senhora do mundo" (PIERRE VIRION, *Bientôt un gouvernement mondial?* Téqui ed., Paris, 1967, pág. 218).

O GOVERNO NACIONAL JUDAICO É UM GOVERNO OCULTO COMO O DA MAÇONARIA

Se o governo da nação judaica (= o mundo) não é visível, mas existe, porque do contrário não se explicaria a unidade de intenções e interesses durante dois mil anos, isso significa que é oculto, exatamente como o da maçonaria.

Já se disse como as comunidades judaicas, devido às condições especiais em que se encontravam, organizaram-se em sociedades secretas defensivas e ofensivas, e como o judaísmo *ex natura rerum* fez do secretismo sua segunda natureza, o que significava que tinha de governar a si mesmo em segredo.

Aqui surge uma pergunta aparentemente insolúvel: como pôde uma sociedade secreta judaica governar a massa da nação judaica estendida por todo o mundo sem ser notada? Na realidade, teve êxito porque o judaísmo ainda existe, o qual, depois da diáspora, só podia governar a si mesmo em segredo para... Sobreviver como raça, nação e religião, ou desaparecer'5.

RASTROS HISTÓRICOS DO GOVERNO NACIONAL JUDAICO

I - DESDE 130 D.C. ATÉ O SÉCULO XI

a) O Grande Sinédrio.

Na época da Diáspora (135 d.C.), o povo judeu encontrava-se em condições normais: isto é, contava com um governo visível como todos os demais povos. Só ao se dispersar entre os pagãos viu-se obrigado a desenvolver uma forma de governo adaptada a uma situação extraordinária de dispersão, para manter sua unidade de objetivos e ideais.

O governo hebreu na época da queda de Jerusalém (70 d.C.) era exercido pelo Grande Sinédrio. Não havia nada maior na antiga república hebraica do que o Sinédrio. Constitua o Conselho Supremo da nação. (...) Uma verdadeira assembleia soberana, o Sinédrio havia, nos últimos dias da nacionalidade judaica, substituído a monarquia; portanto, sua autoridade era considerável, ao mesmo tempo doutrinal, judicial e administrativa. Interpretava a Lei. Julgava os casos importantes... era composto por 71 membros, incluindo os presidentes" (J. *LÉMANN, Napoléon Ier et les Israélites, Avallon, 1988, p. 37*).

b) Os Patriarcas da Judeia.

Após a dispersão, assume-se comumente que o povo judeu, disperso pelo mundo, deixou de existir como povo, por não ter mais nem pátria nem governo. Ao contrário, vimos que o povo judeu não desapareceu, mas manteve sua unidade de ideais político-religiosos, tinha uma pátria e, portanto, um governo. Sobreviveu também o Sinédrio de alguma maneira, ou se transformou em algo mais? Com a ruína de Jerusalém sob Tito (70 d.C.), começou a primeira grande dispersão dos judeus pelo mundo. A segunda teve lugar sob Adriano (135 d.C.). A partir de então, os judeus foram expulsos permanentemente de Jerusalém e da Palestina; os que não

foram assassinados pelos soldados de Tito refugiaram-se em diversas regiões da Europa e da Ásia.

Alguns grupos se estabeleceram no Egito, na Itália e na Espanha (judeus ocidentais). Segundo alguns estudiosos, seu líder residia na Palestina, em Safne ou Tiberíades, e era chamado de **Patriarca da Judeia** (ver ABBÉ CHABANTY, *Les Juifs nos maîtres*, 1882). Ele atuava em segredo ou mesmo abertamente, segundo as disposições dos imperadores romanos em relação aos judeus. A partir do ano 429, quando o imperador Teodósio, o Jovem, proibiu o Patriarca da Judeia de arrecadar impostos de seus compatriotas, o que significou que o imperador não reconhecia a autoridade de seu governo, já não há nenhum rastro do "Patriarca da Judeia" na história. Assim, esse governo dos Patriarcas viu-se obrigado a transformar-se gradualmente em um governo completamente oculto, sob pena de desaparecer.

c) Os Príncipes do Cativeiro ou do Exílio

Mas houve outra parte do povo judeu que abandonou a Palestina após a destruição de Jerusalém, a qual se dirigiu aos países do... Norte e do leste: Síria, Armênia, Geórgia, Babilônia e Pérsia. Segundo os rabinos, essa era a elite da nação chamada "os judeus do Oriente", e acredita-se que o "Patriarca da Palestina" era um poder secundário sujeito a essa elite, cujos líderes eram chamados **Príncipes do cativeiro ou do exílio**. Segundo os historiadores judeus, os "Patriarcas da Judeia" eram os lugar-tenentes dos "Príncipes do Exílio", que tinham a autoridade de governantes absolutos sobre toda a diáspora e cuja residência habitual se diz que era a Babilônia. Sua jurisdição sobre os judeus do Ocidente era exercida pelos "Patriarcas da Judeia", enquanto sobre os judeus do Oriente eles a exerciam direta e publicamente, desde o século III até o século XI.

Segundo o rabino convertido Drach, da Diáspora até o século XI, os máximos líderes da nação judaica foram eleitos entre os doutores da Lei. Os talmudistas atuais se baseiam nessa sucessão ininterrupta de doutores para afirmar que Israel sempre teve verdadeiros doutores da Lei e que não

deixou de ter como guia um verdadeiro e legítimo poder espiritual... “Segundo os autores da Guemará da Babilônia, os príncipes do cativeiro eram os legítimos continuadores e possuidores do poder soberano, antigamente concentrado na tribo de Judá... Assim, no século VI, na Babilônia, com os Príncipes do Cativeiro, havia verdadeiros doutores da lei, como no passado, em Jerusalém, com o Sumo Sacerdote. (...) O poder de Jerusalém perpetuou-se no da Babilônia” (COPIN ALBANCELLI, *op. cit.*, p. 350)'6.

Portanto, existem rastros históricos da existência do governo ao qual obedecia a nação judaica dispersa pelo mundo, e estes mostram que entre o governo visível e o oculto houve uma transição.

II - DESDE O SÉCULO XI ATÉ A ATUALIDADE

A partir do século XI, os califas orientais, atemorizados pelo poder dos “Príncipes do Exílio”, converteram-se em inimigos dos judeus e condenaram à morte seu líder Ezequias (1005 d.C.). Os judeus abandonaram a Babilônia e alguns se refugiaram na Arábia; outros, em maior número, chegaram ao Ocidente, chegando até a França e a Espanha. A partir do século XI, a história já não nos fala dos “Príncipes do Exílio”; talvez esse fato indique que realmente desapareceram e que os judeus permaneceram sem governo? Se nos fixarmos apenas na história “externa”, temos de responder afirmativamente, mas sabemos que o judaísmo se estruturou como uma sociedade secreta e que, portanto, bem poderia ter continuado a governar em segredo desde o século XI até nossos dias.

Na partida da Babilônia rumo ao Ocidente, podemos observar uma espécie de aproximação do poder judaico oculto de Roma, onde residia o vigário do inimigo mortal do judaísmo, Jesus Cristo. Necessariamente, os refugiados se uniram aos judeus das colônias judaicas preexistentes e, para evitar serem absorvidos, o judaísmo se organizou com um governo ainda mais oculto e se estruturou definitivamente como uma sociedade secreta.

A AÇÃO JUDEU-MAÇÔNICA NO ENFRENTAMENTO COM O CRISTIANISMO

O Cardeal Caro († 1958), Arcebispo de Santiago e Primaz do Chile, afirma: “Sem dúvida, a facção da maçonaria contra a Santa Igreja Católica não é outra coisa senão a continuação da guerra contra Cristo praticada pelo judaísmo durante mil e novecentos anos até nossos dias. Uma luta terrível, pois se baseia no **secretismo**, no engano e na hipocrisia... não nos esqueçamos de que o judaísmo é o mais implacável... inimigo do cristianismo... o ódio ao cristianismo e à Pessoa de Cristo tem uma história distante e não pode ser considerado nem justificado como resultado da perseguição; antes, faz parte da tradição rabínica, cujas origens remontam a uma época muito anterior à perseguição dos judeus por parte dos cristãos” (J. MARIA CARO, *O mistério da maçonaria*, Diffusione editoriale, Buenos Aires 1954, págs. 267 – 268).

Maurice Pinay, por sua vez, acrescenta: “A luta secular empreendida por nossa Santa Madre Igreja Católica contra a aberração judaica... não foi causada... pela intolerância católica. Ao contrário, foi a incomensurável maldade dos judeus que impôs a adoção de medidas defensivas, dada a ameaça mortal que essa religião representava para o cristianismo... Os judeus pretendem impor esta tese aos católicos: combater o judaísmo é ilícito. É evidente que... lutar não é apenas algo justo, mas um dever” (M. PINAY, *Complot contre l’Église*, Tip. Detti, Roma 1962, págs. 151-152).

O JUDAÍSMO COMO RELIGIÃO É UMA SEITA SECRETA

"O problema com a **religião judaica moderna** é que ela é uma **religião secreta**. De fato, depois da crucificação do Senhor, os judeus ocultaram suas doutrinas e ritos durante séculos. Por quê? A razão é clara: porque suas doutrinas e ritos representavam uma ameaça para outros homens. Daí a necessidade de manter o segredo. (...) Um texto talmúdico diz: "Compartilhar algo de nossa Lei com um gentio equivale à morte de todos os judeus, porque, se os goyim aprendessem o que lhes ensinamos a respeito deles, sem dúvida nos exterminariam" (*Livre en Dav*, fol. 37).

"**A mentira** sempre foi **a principal arma daquele a quem nosso Senhor deu**, desde então, **o nome de Sinagoga de Satanás**" (M. PINAY, *op. cit.*, pp. 155-156).

O SÉCULO DAS LUZES, O JUDAÍSMO E A MAÇONARIA

Desde o século XVIII, segundo o judeu convertido Lémann, temos presenciado a glorificação do judaísmo: “... Com que propósito? [O inferno] tentará perverter os restos indestrutíveis de Israel, para incapacitá-los para os desígnios de Deus [que deseja a conversão e não a morte do pecador - nde] mediante a corrupção: dessa maneira, sua conversão será impossível.... Duas grandes escolas de pensamento... serão os meios para executar tal plano: o protestantismo e o Iluminismo…

A filosofia do Iluminismo buscará desorganizar a sociedade cristã... de tal maneira que o cristão se torne, se não escravo, ao menos inferior, e o judeu, senhor.... Sendo o objetivo da filosofia a formação de uma nova sociedade [descristianizada] e universal... ela o conseguirá com a ajuda de duas máximas... a primeira: **“Todas as religiões são boas”** ... Assim, não mais disputas entre religiões, já que todas são boas, deem-se as mãos. Esta é a conciliação que o filosofismo propõe no século XVIII, e, por sua boa natureza, subjuga e engana... é fácil compreender como tal sistema favoreceria o judaísmo. Uma voz — a mesma que falou a Eva no Paraíso terrestre... — lhe dirá: “Não entendeste? **Todas as religiões são boas!** Mas então já não há razão para que te marginalizem por tua religião, que é tão boa quanto as demais. Ânimo, Israel, o filosofismo é emancipador como Moisés!” (...).

A segunda máxima é esta: **“Os judeus são homens como qualquer outro”** ... Aqui, novamente, é fácil compreender o quanto isso favoreceria a nova moral social dos judeus. A mesma voz [da serpente] lhes dirá: “Já que são homens como qualquer outro, entrem nas universidades. Para vocês... todas as carreiras, para vocês as honras e o poder…”

Em resumo, qual é o resultado que o filosofismo busca alcançar? Este: ... impulsionar todos os homens a formar uma nova ordem social em que todos sejam iguais e livres, sem nenhuma consideração, no futuro, pela dignidade de um cristão. **A dignidade humana, somente a dignidade humana, essa será a condição para entrar na nova sociedade.**

... Em minha opinião, já não há dignidade para os cristãos nem indignidade para os judeus. ... **Um plano assim só poderia vir do inferno.**

Os instigadores de uma **nova sociedade exclusivamente humanitária** [o novo cristianismo de Maritain e *Dignitatis Humanae* - nde]... devem dividir-se em duas categorias: a massa de cristãos degenerados... e um pequeno grupo de judeus avançados.

A massa de cristãos degenerados, estes são os primeiros instigadores desta sociedade humanitária na qual se preparará simultaneamente a decadência da população cristã e a preponderância da raça judaica.

(...) À frente dessa multidão... devemos nomear a escola voltairiana. Mas falar assim, não é um erro histórico? Voltaire não se apresentou como inimigo ferrenho dos judeus? Sim, sem dúvida, ... em sua fúria, os teria exterminado, se estivesse em seu poder. No entanto, o voltairianismo foi muito útil para os judeus. Eles mesmos coincidem: **"Se Voltaire foi fatal para nós, o voltairianismo nos foi sumamente útil"** (*Archives Israélites*, junho de 1878, pág. 324).

(...) Eleita para resistir até o fim dos tempos, a raça judaica... é paciente. Sabe esperar e aproveita tudo, inclusive seus inimigos. Os ultrajes não a surpreendem: quem a ultrajou morre, mas não ela!... Voltaire ultrajou os judeus, mas ultrajou ainda mais a figura divina de Cristo. Castigo: **O voltairianismo tornou-se um ganho para os judeus.** Como? **Ao debilitar o espírito de fé e a seriedade dos antigos costumes** entre as populações que se tornaram voltairianas [neopagãs - nde], de tal maneira que, ao já não estarem protegidas por aquilo que as tornava superiores, **essas populações mimadas**, degeneradas, em uma palavra, voltairianas, **se converterão mais facilmente em presa dos judeus nos assuntos privados e, depois, nos públicos.**

(...) Em resumo, mediante seu espírito cético, libertino e rebelde, e mediante seu retorno à natureza, os salões franceses do século XVIII preparam, na vida prática, **a substituição da sociedade cristã pela sociedade humanitária**; e, mediante a necessidade de ouro para seu entretenimento..., preparam o cetro para o ouro dos judeus! (...) (J.

LÉMANN, *L'entrée des Israelites dans la société française*, Avallon, Paris 1987, págs. 205-227).

A MAÇONARIA, RECOLETORA DE TODAS ESTAS FORÇAS ANTICRISTÃS

Apesar de todas essas forças destrutivas (o paganismo humanista e renascentista, a Reforma Protestante, o Iluminismo), o cristianismo continuava sendo um grande poder público que impedia que a nova sociedade humanitária, a República Universal, se consolidasse plenamente na vida civil. Daí a necessidade de recorrer a sociedades secretas para combater o cristianismo não abertamente, mas na sombra e em segredo, mediante a hipocrisia, a mentira e a falta de franqueza. Essas sociedades secretas, apesar de algumas divergências aparentes e acidentais, perseguem o mesmo objetivo: eliminar Cristo, Rei das nações, e substituí-lo pelo culto do homem.

"Perto do fim do século XVIII — continua Joseph Lémann —, essas diversas sociedades chegaram a se misturar e a perder suas denominações particulares de *maniqueus, albigenses, templários, socinianos, martinistas, Illuminati*, etc., na denominação sintética de maçons. **A maçonaria é o vasto abismo que recolhe**, com as traições do século XVIII, **os vapores e as pestilências dos séculos precedentes**. Mas a própria maçonaria, assim como o voltairianismo, assim como as demais traições [das quais a de Judá é o protótipo - nde], beneficiará amplamente os judeus, pois é a confluência de traições. Chegará um momento em que se ouvirá este grito de alarme: "O judaísmo governa o mundo, e é necessário concluir que a maçonaria se tornou judaica ou que o judaísmo se fez maçom" (*Revue des questions historique*, n.º 62, 1.º de abril de 1882)" (J. LÉMANN, op. cit., pp. 213-228).

Recentemente, Louis Pauwels, maçom convertido ao cristianismo, declarou a Vittorio Messori: "Existe uma conspiração mundial de forças anticristãs que pretendem debilitar (e, se possível, dissolver em um humanismo de belas palavras, mas impotente) a fé dos católicos" ... (V. MESSORI, *Enquête sur le christianisme*, SEI, Turim 1987, p. 152)'7.

LÚCIFER E A MAÇONARIA

Pierre Virion escreve: “Assim como Cristo, cabeça invisível da Igreja Católica, **está visivelmente representado aqui embaixo pelo Papa, assim Satanás**, cabeça invisível do exército do mal, **comanda seus soldados apenas através de homens**... sempre livres para invadir suas ordens e inspirações” (P. VIRION, *Bientôt un gouvernement mondial?* ed. Téqui, Paris 1967, pág. 217).

Mons. Meurin, por sua vez, escreve: “A opinião de quase todos os autores que trataram da magia diabólica [é] que **todos os ramos e práticas da bruxaria devem sua origem à cabala judaica** (8). A adoração da Estrela Flamejante, do ‘Baphomet’ e as fórmulas escritas em caracteres hieroglíficos para a invocação de demônios... são indícios suficientes de que **a maçonaria, em certos graus de suas lojas secundárias, envolve-se abertamente nas práticas da magia diabólica**. (...) O conjunto da maçonaria cabalística, especialmente sua encarniçada guerra contra a Revelação divina, o Sobrenatural e o cristianismo, são prova de que **a maçonaria é uma seita verdadeiramente satânica**” ... (Mons. MEURIN, *op. cit.*, págs. 199-200).

Mons. Antonino Romeo, por sua vez, especifica: “O satanismo mais profundo (...) é a apoteose do homem, com a redução da religião e da moral a uma coisa livre para escolher. (...) A obra de Satanás se concentra nas “missas negras”, orgias infames misturadas com profanações eucarísticas, presididas, se possível, por sacerdotes desviados, derivações do antigo

“sábado”, com práticas grotescas que recordam as fórmulas e ritos maçônicos (...) **O esconderijo secreto do Satanismo é, sem dúvida, a maçonaria**, que herda a fé e os costumes do gnosticismo cainita. A maçonaria, única em seu espírito e leis fundamentais, é a contraigreja internacional...

Papa Leão XIII, autor da encíclica "Humanum Genus"

Do "papado maçônico" ... invisível, desconhecido até mesmo pelos iniciados comuns, dependem os destinos dos povos. O espiritismo ocultista e a teosofia são a religião e a filosofia naturalista promovidas pela maçonaria." O satanismo maçônico se manifesta atualmente na profanação ritual de hóstias consagradas. Em Friburgo, Suíça (Rue Grand' Fontaine, 41), qualquer um pode ver, em uma vasta caverna, hoje capela de adoração reparadora, os instrumentos utilizados em ritos satânicos (A. ROMEO, *Satanismo,* em Enciclopedia Cattolica, Città del Vaticano 1953, vol. X, col. 1954, 1958-59).

Segundo o eminente cardeal Caro: "Em certas lojas se rende culto a Lúcifer ou a Satanás" (J. M. CARO, *op. cit.*, pág. 130).

Finalmente, *La Civiltà Cattolica* se expressa assim: "**O satanismo**, contra o qual a maçonaria tanto se enfurece com tudo o que sabe e é católico, **não se alimenta** tão habilmente de nada, como da pluma, das manobras, da sugestão **e do ouro dos israelitas**" (*La Civiltà Cattolica*, Série XIV, Vol. 8, 1890, *op. cit.*, p. 142).

CONCLUSÃO

Creio que, para concluir este artigo, nada melhor do que resumir a encíclica de Leão XIII *Humanum genus* (1884) sobre a maçonaria. O Papa recorda que há duas raças, duas cidades, dois estandartes: o de Lúcifer e o de Nosso Senhor Jesus Cristo, o mundo e a Igreja; estes sempre estão em conflito. “Mas em nossos tempos, os partidários da cidade do mal, inspirados e ajudados por esta sociedade que... toma o nome de Sociedade Maçônica, parecem todos conspirar juntos e tentar a prova definitiva. Porque... rebelam-se... contra a soberania de Deus; trabalham... para a ruína da Santa Igreja.” É dever do Papa, portanto, denunciar a seita; a maçonaria é prejudicial para o Estado e para a Igreja, dados o seu propósito e natureza; no espaço de um século e meio, a maçonaria se estendeu por todo o mundo até “parecer quase ser a senhora dos Estados”. Existem diferentes seitas “que, embora diferentes no nome... estão, contudo, estreitamente vinculadas por afinidade de objetivos e estão, em substância, unidas com a maçonaria”. Suas últimas e verdadeiras intenções, os líderes supremos mais influentes, são secretos, “o candidato deve prometer não revelar... aos não afiliados... as doutrinas da seita”. Os membros devem prometer obediência cega e absoluta aos mestres e, se não o fazem, devem estar dispostos até mesmo a sofrer a morte. **O objetivo da maçonaria é: “destruir de cima abaixo toda a ordem religiosa e social criada pelo cristianismo**, e substituí-la por uma nova baseada nos fundamentos e regras do Naturalismo. O que foi dito... deve ser referido à **seita maçônica em si mesma... não aos maçons individualmente considerados**, entre os quais se encontram alguns, e não poucos, que, embora culpáveis de se terem unido a sociedades desse tipo, não participam diretamente de suas más obras e ignoram igualmente o seu fim último”. O princípio do Naturalismo é a superioridade da Natureza sobre a Graça, da Razão sobre a Revelação, e dado que a Igreja Romana é a dispensadora da Graça e a depositária da Revelação, “maiores são a ira e a amargura dos inimigos contra ela”. A Maçonaria defende a separação da Igreja e do Estado, para que o Magistério e a autoridade da Igreja não tenham influência na sociedade.

“Mas **contra a Sé Apostólica e o Romano Pontífice, a chama da guerra arde com mais força**. Primeiro, atacou-se seu poder temporal, para depois desfazer-se de seu poder espiritual e destruir o papado. **O objetivo supremo dos maçons é verdadeiramente perseguir o cristianismo com ódio implacável, e não cessarão até ver derrubadas todas as instituições religiosas fundadas pelos papas**. Se a seita não exige de seus membros que renunciem expressamente à fé católica, essa tolerância, em vez de perturbar os desígnios maçônicos, os beneficia. Porque é sobretudo uma forma de enganar facilmente os ingênuos e imprudentes (...). Então, **ao abrir as portas a pessoas de qualquer religião, obtêm a vantagem de persuadir pelos fatos o grande erro moderno do indiferentismo religioso e da igualdade de todos os cultos: uma oportunidade para aniquilar** todas as religiões e, especialmente, **a religião católica, que, a única verdadeira, não pode sem uma enorme injustiça pôr-se em pé de igualdade com as demais**”. Como as almas viciosas estão cansadas e servis, a seita se esforça por “levar as massas a um festim de libertinagem: para depois convertê-las no dócil instrumento de seus projetos mais audazes. A seita também quer, depois de dezoito séculos, **ressuscitar os costumes e instituições do paganismo “para destruir a Religião e a Igreja fundadas pelo próprio Deus”**.

O ÚNICO REMÉDIO VERDADEIRO CONTRA A JUDEO-MAÇONARIA

“**Na virtude da Religião divina** ... — continua Leão XIII —, **considera a melhor e mais sólida esperança de um remédio** eficaz; a esta virtude é necessário recorrer antes de tudo contra o inimigo comum”. Depois, o Papa passa desse princípio universal aos detalhes práticos:

1º) Tirar a máscara (de sociedade puramente filantrópica ou caritativa) da maçonaria; devem-se ensinar aos homens, por escrito e oralmente, a natureza, a origem e o verdadeiro propósito da maçonaria.

2º) Infundir no povo **o amor à instrução religiosa**, sem a qual não se pode amar a Deus nem praticar as virtudes, e, consequentemente, nunca se conseguirá combater eficazmente a Judeo-Maçonaria.

3º) Velar pela juventude, por seus bons costumes e explicar-lhes a perversidade das sociedades secretas.

4º) Finalmente, o Papa conclui: "**Nossas fadigas humanas não seriam suficientes** para arrancar essas sementes perniciosas do campo do Senhor **se o Patrono Celestial** da vinha **não nos oferecesse ajuda abundante**. Por isso, devemos **pedir a Deus** para que nos ajude... **Todas as pessoas boas devem unir-se em uma vasta sociedade de ação e oração**".

Leão XIII, portanto, encomenda-se à Santíssima Virgem que vence todas as heresias, aquela que esmagará a cabeça da serpente infernal (*ipsa conteret*); a São Miguel, que foi o primeiro a abater a soberba de Lúcifer (*quis ut Deus*); a São José, patrono universal da Igreja; e aos apóstolos Pedro e Paulo, sobre os quais a Igreja está firmemente estabelecida.

"**¡No praevalebunt!**" [Não prevalecerão – ndt]

Notas

1. Cf. R. ESPOSITO, *Le grandi concordanze tra Chiesa e Massoneria*, ed. Nardini, Florença 1987, pág. 136.

Cf. também: G. VANNONI, *Le Società segrete*, Sansoni, Florença 1985, pág. 45.

2. Também será útil ler sobre este tema:

GOUGENOT DES MOUSSEAUX, *Le juif, le judaïsme et la judaïsation des peuples chrétiens*; Paris 1869, Pion ed., págs. 263 - 272.

J. BOYER, Os piores inimigos de nossos povos, edições libertat, Bogotá 1979, págs. 113-140.

J. A. CERVERA, *La red del poder*, Ediciones Dyrsa, Madri 1948, págs. 87-147.

LEO FERRARO, *El último protocolo*, Arca de la Alianza cultural, Madri 1986, págs. 79-115.

E. COUVERT, *La gnose contre la foi*, ed. por Chiré 1989, págs. 100-102; *De la gnose à l'œcuménisme*, ed. de Chiré, 1983, págs. 32-36.

A. DELASSUS, *Connaissance élémentaire de la Franc-maçonnerie*, Action familiale et scolaire, Paris 1991.

3. Também é importante saber que "o judaísmo como religião tem uma dimensão nacional, assim como o povo judeu como nação tem uma dimensão religiosa... Para compreender as raízes religiosas e o fundamento espiritual da nacionalidade judaica... [é preciso entender] por que, para um judeu, o compromisso espiritual está tão intimamente ligado ao pertencimento ao povo judeu..." (*Appel de la Fraternité œcuménique de recherche théologique en Israël*, 30 de novembro de 1975, em *Les Eglises devant le judaïsme*, ed. du Cerf, Paris 1980, págs. 186-187).

O Dr. Gerhart Riegner, Secretário-Geral do Congresso Judaico Mundial, afirmou que "o povo e a terra ocupam um lugar essencial na fé judaica"

(ibidem, pág. 368, 10 de janeiro de 1975). Portanto, no judaísmo, religião, povo e nação são uma só coisa.

4. “Judeu era o secretário de Cavour, Isacco Artom, (...). Judeu era Giacomo Malvano, que foi diretor de assuntos políticos, secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores de 1879 a 1907, (...). Judeu era o general Giuseppe Ottolenghi, que se tornou ministro da Guerra em 1902, (...). Sidney Sonnino era de pai judeu e foi duas vezes primeiro-ministro, 1906 e 1909, (...). Judeu era Luigi Luzzati, que... foi primeiro-ministro em 1910. Judeu era Alessandro Fortis, primeiro-ministro... entre 1905 e 1906. Finalmente, judeu era Ernesto Nathan, amigo de Mazzini e prefeito de Roma de 1870 a 1913” (S. ROMANO, *I falsi protocolli*, Il Corbaccio ed., Milão 1993, pág. 81).

5. Cf. M. PINAY, *Complotto contro la Chiesa*, Roma 1962, págs. 95-110.

O historiador judeu Paul Johnson também confirma que “os judeus mais afortunados na Idade Média foram aqueles que viveram na Babilônia sob os **Exilarcas** [ed. “Príncipes do Exílio”]. Estes príncipes mais poderosos e seculares do ‘Nasi’ [= Presidente do Sinédrio] **palestino** (“Príncipes da Palestina” - nde], afirmavam ser descendentes diretos de Davi, dos reis de Judá, e viviam com certa pompa em seus palácios. (...) O judaísmo babilônico sempre se havia considerado o guardião da tradição hebraica mais rígida e do sangue mais puro. O Talmude babilônico afirmava: “Todas as nações são como massa comparadas com [a levedura da] Terra de Israel, e Israel é massa comparada com Babilônia” (Kidushin, 71a). (...) Contudo, Babilônia não era um lugar seguro para os judeus...” (P. JOHNSON, *Storia degli ebrei*, Longanesi, Milão 1987, págs. 182 – 183).

Na “Pequena Enciclopédia do Judaísmo” lemos: “A idade de ouro das academias babilônicas durou aproximadamente até meados do século XI, em correspondência com o florescimento dos califados árabes” (J. MAIER - P. SCHÄFER, *Piccola Enciclopedia dell’ebraismo*, Marietti, Casale 1985, pág. 77).

7. Será útil consultar: EPIH A NIU S, *Maçonnerie et sectes secrètes: le côté caché de l'histoire*, Publications du "courrier de Rome", Versalhes, 2000.

8. "A Cabala prática aborda a teurgia (operação mágica na qual se estabelecem contatos com forças demoníacas - nde) e (...) a magia; e é ali onde se encontram principalmente os mistérios e segredos da Cabala: procedimentos estranhos, juramentos terríveis, símbolos sinistros, tomados não apenas da Judeia infiel, mas também da Pérsia, Índia, Egito e Caldeia. Como receptáculo pérfido, esta Cabala prática também admite fórmulas e operações que são odiosas contra a religião cristã e os cristãos. (...) **A Cabala em sua parte prática é infernal**" (L. LÉMANN, *op. cit.*, p. 235).6. O historiador judeu Paul Johnson também confirma que "os judeus mais afortunados na Idade Média foram aqueles que viveram na Babilônia sob os **Exilarcas** [ed. "Príncipes do Exílio"]. Estes príncipes mais poderosos e seculares do 'Nasi' [= Presidente do Sinédrio] **palestino** ("Príncipes da Palestina" - nde], afirmavam ser descendentes diretos de Davi, dos reis de Judá, e viviam com certa pompa em seus palácios. (...) O judaísmo babilônico sempre se havia considerado o guardião da tradição hebraica mais rígida e do sangue mais puro. O Talmude babilônico afirmava: "Todas as nações são como massa comparadas com [a levedura da] Terra de Israel, e Israel é massa comparada com Babilônia" (Kidushin, 71a). (...) Contudo, Babilônia não era um lugar seguro para os judeus..." (P. JOHNSON, *Storia degli ebrei*, Longanesi, Milão 1987, págs. 182 – 183).

Na "Pequena Enciclopédia do Judaísmo" lemos: "A idade de ouro das academias babilônicas durou aproximadamente até meados do século XI, em correspondência com o florescimento dos califados árabes" (J. MAIER - P. SCHÄFER, *Piccola Enciclopedia dell'ebraismo*, Marietti, Casale 1985, pág. 77).

7. Será útil consultar: EPIH A NIU S, *Maçonnerie et sectes secrètes: le côté caché de l'histoire*, Publications du "courrier de Rome", Versalhes, 2000.

8. “A Cabala prática aborda a teurgia (operação mágica na qual se estabelecem contatos com forças demoníacas - nde) e (...) a magia; e é ali onde se encontram principalmente os mistérios e segredos da Cabala: procedimentos estranhos, juramentos terríveis, símbolos sinistros, tomados não apenas da Judeia infiel, mas também da Pérsia, Índia, Egito e Caldeia. Como receptáculo pérfido, esta Cabala prática também admite fórmulas e operações que são odiosas contra a religião cristã e os cristãos. (...) **A Cabala em sua parte prática é infernal**” (L. LÉMANN, *op. cit.*, p. 235).

"a conversão dos judeus é um mistério da Fé, cuja realização não depende de nós. **Só temos um remédio: nossa conversão: de fato, o judaísmo dominante é o castigo do católico tíbio**. O judaísmo penetra na sociedade na medida em que ela rejeita o Reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo. “Quanto mais rejeitarem a pobreza de Jesus Cristo e adorarem o bezerro de ouro, mais o judeu monopolizará a riqueza pública e se converterá em bancos nossos mais belos palácios. Quanto mais rejeitarem a pureza de Jesus Cristo, mais o judeu semeará as sementes da corrupção .... Quanto mais rejeitarem a humildade de Jesus Cristo, mais exaltarão o homem... para fazer dele um “deus”, mais tais vãs adulações do pensamento humano o rodearão de ignorância e trevas .... A conversão é o único remédio. **Levem Jesus Cristo, e o judeu recuará; os mercadores do Templo verão suas mesas viradas ....** Então o judeu voltará a ser o judeu errante e se encerrará nos guetos, esperando sua conversão sincera, **no dia em que voltarmos a ser sinceramente católicos**” - (Mons. E. JOUIN, op. cit., págs. 118 - 119).